

m/ 16 anos

desenho de João Carlos Faria sobre texto dactilografado e rasurado à mão pelo próprio Brecht
(As Histórias do Sr. Keuner)

x Herr Keuner Gastfreundschaft

Wenn Herr Keuner Gastfreundschaft in Anspruch nahm, liess er

... nichts davon, ... aufdrueckten. Im ... sein Wesen so zu aendern, dass ... ; allerdings durfte, was er gerade ... iden.

... schaft gewahrte, rueckte er ... Tisch von seinem bisherigen ... nen Gast eigehend ... er, einem ... gegenkommen, ... besser, ich

... sah Herr Keuner, vor er sich ... ggangen des Hauses und sonst ... auf eine Frage wortete er verlegen: das ist eine ... ich pflege manchmal fuer die Gerech- ... ; das ist es gut, wenn meine Wohnung ... hat.

Herr Keuner nannte ... e outras histórias

Kabaret Keuner

e outras histórias

de BERTOLT BRECHT

wurden. So konnten sie naemlich viel schwerer bestochen werden (und mussten also weitaer unbestechlich sein), da die ortsansaezigen Richter ueber ihre Unbestechlichkeit wachten - also Leute, die gerade in dieser Beziehung sich genau auskann-



Cabaré Filosófico



Bertolt Brecht (como clarinetista) numa paródia à *Octoberfest* de Munique, c. 1920. Ao seu lado Karl Valentin toca tuba.

acontece quando uma carteira da primeira classe antiga sem pernas esmaga um corpo pré-adolescente, como num desmoronamento, ficando de fora o pé descomunal na crise de crescimento quando o corpo estica mais que a cabeça. Não lhe chamou **Brecht** *clown* metafísico? Aquele ar desorbitado, a capacidade de fazer do *non sense* uma anarquia estimulante, um tipo de resposta inesperado, na ponta da língua, como a que deu a quem lhe oferecera um livro: e não pode dar-mo já lido? E não dizia dele, também **Brecht**, que era a blague em corpo e não um contador de anedotas? Que o cabaret é de um tempo de crises é – a noite torna-se mais produtiva em tempos de fome e fortunas, o ilícito singra, as penumbras multiplicam-se e o tráfico floresce subterrâneo, os “políticos” trocam lojas e lugares, põem fortunas longe do fisco, alguns investem em carne fresca. A obscuridade propícia o crime, os polícias nela podem ser foras da lei e até brincar aos travestis, tudo vale nessa penumbra conveniente, de sentidos alçados e a censura quando entra vem com pré-aviso e de porrete erguido: tudo para a esquadra, já, menos o cavalheiro. Com o espectáculo está no ar no cabaré todos os tráficos se cruzam, os mais que sérios e os sanguinários, logo legítima defesa no tribunal - de cerviz dobrada todos testemunham desse modo. A crise não é mole, faz vítimas. Saliente é a intensidade da violência. Na crise a violência desregula e ocupa patamares de vulgarização que apenas os despertos notam. É um adormecimento generalizado, um dormir acordado que não passa, um modo de



George Grosz (1893-1959)
Die Besitzkröten, 1920

O que será? Parece não jogar, a liga a cair, a coxa a espreitar e o raciocínio a ir-se. Mas não será assim na tradição alemã. Desde logo porque **Karl Valentin** marca um estilo que **converte** o burlesco numa metafísica, ou não será isso que

das ligas – que afinal nem aparecem - e nenhum desprezo do prazer da crítica, mesmo num cinismo abrangente, na blague, no lançar a casca de banana em que outros se estatelam, na pergunta proibida, no atacar a criatura que emborcou os dólares em ostentação porcina de novo rico, como na pintura de **Grosz**. Neste conjunto de pequenas histórias e apoteogmas, de dúvida burlesca e de afirmações de recorte *clownesco* – Keuner é um *clown* pensador, nele espreita o parvo vicentino e o bobo de **Shakespeare**, longínquos parentes próximos – que o **José Carlos Faria** seleccionou, montou e interpreta, viajamos por dentro de um pensamento inquieto e não saltando por um trajecto aleatório de raciocínios soltos, como se salta sobre as pedras de uma ponte improvisada nas águas de um ribeiro. Por detrás, de facto, está um modo de indagar a realidade, uma realidade que nos coloniza triunfal, incapazes de a conter e de a perceber, até nos outros, de a decifrar relacionalmente, pois sendo o que é, de uma violência inumana, não a mudamos. Será assim? E é isso que **Keuner** detesta, a insensibilidade à predisposição para a mudança que ajuda a mudar, a rejeição do humor dialéctico que faz as delícias do pensador como um caviar sempre desejado. Numa sociedade de estatutos, hierarquias e frases feitas, de padrão empresarial e estupidez mandante é cada vez mais importante que se abram espaços de perspectiva, abertas como se diz da tempestade que cessa e que regressará pior, abertas de pensamento. A experimentação é a transformação do erro, a qualificação do realizado no pressuposto da democracia, da consideração do outro, justamente na perspectiva de uma vida comum que potencie a possibilidade da subjectivação como singularidade. Nada mais belo que a comunidade que desperta quando num teatro, na pausa que um silêncio trouxe, cada um respira a sua visão e todos fruem a mesma suspensão do tempo com um prazer inteligente e físico comum. Este nosso **Kabaret Keuner** é um cabaré da resistência ao lugar-comum e principalmente à inevitabilidade do abismo como ele é pintado pelos que entoam constantemente o coro da dívida e têm na crise emprego garantido e lucros cada vez mais fabulosos. Dizem-nos que apertando muito o cinto nos fortaleceremos. E nós dizemos: como? Quando soar a hora da democracia concreta neste totalitarismo *kitsch* que nos leva manipulados? O populismo novelizado dos poderes mediatizados pelo espectáculo constante da propaganda dos poderes faz hoje o que a fé cega usada pela Igreja fazia outrora com os autos de fé da inquisição: no fim da carnificina, o aplauso. A boçalidade não tem limites quando é regra, é o contrário da abertura, ou melhor, da cultura.



Sr. Keuner, José Carlos Faria

Fernando Mora Ramos

Uma biografia

Berthold (mais tarde **Bertolt** para apagar um d com ressonância aristocrática) nasceu em Augsburg. (...)

O pai (...) chegou a incitá-lo à Medicina que lhe valeu, somada às debilidades do físico, um lugar de enfermeiro nos bastidores da guerra de 14-18. A guerra, porém chegava ao fim, e a Alemanha derrotada exprimia-se



Bertolt Brecht (1898-1956)

«em revolução». No regresso a Munique, **Bertolt** agita-se e participa; (...) Bertolt agita-se, dá dentro de si uma volta, mas esta outra guerra fá-la sobretudo como crítico literário (temível, diz-se ao querer limpar areias alojadas desde longa data em muitos olhos), a escrever e a representar peças cínicas, ferozes, de irreprimível desespero, que ele próprio interrompe, sublinha comenta com intermédios musicais cantados com uma bela voz (...); a ideia chegava-lhe da tragédia grega mas quase tinha o sabor, adaptada assim, a um contexto moderno de novidade absoluta. (...)

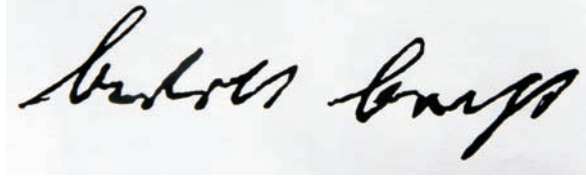
À margem do teatro, escreveu versos. Ainda não tinha chegado a altura de se deixar fotografar no meio de operários, a fazer poemas directamente escolhidos no suor do trabalho, mas surgia já poeta de ruptura com a elaboração esteticista que vivia ao lado, intocada no seu velho brilho. (...)

Em 1928, a experiência do teatro político levá-lo-á ao mais alto da sua colaboração com **Kurt Weil**: inspirado em **John Gay** escreve **A Ópera dos 3 Vinténs**, êxito mundial com ramificações futuras (...). Em 1929 é assumidamente marxista; (...) Também são desta época os retoques finais no que viria a ser a perdurável marca da sua imagem pessoal: fria por dentro (...). De proletária estilização por fora (...). Entre estudante e operário (...), com o cabelo empastado à frente e uma barba permanente de três dias, vai escrevendo peças magníficas (...) em papel pardo (**Brecht** escolheria, de facto, a cor parda).

Em 1933, com a tragédia do nazismo sai da Alemanha; abandona-a um dia depois do Reichstag arder. Começa pela França mas é empurrado para norte – a Dinamarca, a Suécia, a Finlândia, por fim Moscovo (...). A segunda guerra mundial aconselha-o a não viver na Europa e segreda-lhe a palavra Hollywood. Não se entenderá com os estúdios de cinema (...).

São alguns anos sem brilho, mal-humorados, a que o *macarthysmo* dá sinal de partida. **Brecht** é interrogado pela comissão de actividades anti-americanas, e a tudo responde que não (...). Já de regresso, dirá: «Acusaram-me de querer roubar o Empire State Building, e vi que era tempo de voltar.»

Entretanto, a Europa marcava contornos novos, cindia-se em Leste e Oeste. Berlim? Oriental? Comunista? Claro que sim... mas com alguma conta e com muita medida. Se em 1948 estabelece na zona oriental da cidade os alicerces do **Berliner-Ensemble** com a sua mulher **Helen Weigel**, se o governo da nova nação lhe permite



uma companhia de 250 empregados – 60 actores, figurinistas, decoradores, músicos e dezenas de assistentes de produção – se escreve e encena como quer as suas notáveis peças, quanto a nacionalidade escolhe a austríaca (...); quanto a editora prefere a Verlag de Berlim-Oeste, que lhe garante direitos com valor transacionável no mercado internacional; e quanto à conta bancária prefere a Suíça.

O governo da «sua» Alemanha engole tudo com um sorriso. Bem vistas as coisas, **Bertolt Brecht** é um dos seus mais altos prestígios, escreve peças que a esquerda do Ocidente consome e que executam um eficaz acto de sedução comunista entre a intelectualidade burguesa do mundo capitalista. (...)

Tempos depois (...) a insuficiência cardíaca que transporta consigo desde a infância dá alarmantes sinais. E em 1956 (tem **Brecht** 58 anos de idade) desfere um golpe fatal. (...)

As Histórias do Sr. Keuner (...) passaram de uma breve colecção (nas primeiras edições de Histórias de Almanaque) a outra, mais extensa, postumamente editada.

Anedotas, definições, retratos – o **Sr. Keuner** (...) julga-se e julga o homem com doloroso humor; é melancólico até à desesperança. O desenho que nos sobra é desarmante. Vê-lo-emos, Pensador, passar do senso comum à sabedoria, da brutal franqueza à ingenuidade, da ternura ao cinismo. Mas quem é o **Sr. Keuner**? Teremos de entendê-lo como um retrato literário do próprio **Brecht**?

René Wintzen, que o estudou incansavelmente, mostra-se tentado a admitir que sim, e acrescenta:

«este ser simples que pela forma, mais do que pelo fundo, como que nos cria a distância entre o aluno e o professor, o filósofo e o discípulo, a barreira. O **Sr. Keuner** é um homem do povo que se interroga. É um retrato que nunca chegará ao fim. **Brecht** pode retocá-lo, ampliá-lo e completá-lo até ao ponto que quiser. Aliás, é uma personagem que ele vive com muita intensidade, que lhe é familiar, chegada de mais, para poder fixá-la definitivamente num momento da vida, para poder pará-la. Em mais de um traço, o **Sr. Keuner** também faz lembrar o condutor do **Sr. Puntilla** (1). Poderia ser este clarividente criado revoltado a frio, que julga o patrão, os amigos do patrão e todos aqueles que costumam servi-lo. De igual forma, dois mil anos antes teria podido ser o escravo **Rarus**, secretário de **Júlio César**, que no seu diário anota, comenta e explica a vida do homem político e do soldado (2). O **Sr. Keuner**, **Matti** e **Rarus** pertencem à mesma camada social e estão unidos pela origem num pensamento único, num igual destino.»

(1) Na peça **O Sr. Puntilla e o Seu Criado Matti**.

(2) Na novela **Os Negócios do Sr. Júlio César**.



Bertolt Brecht



Sr. Keuner, José Carlos Faria

Brecht/Keuner visto por Strehler

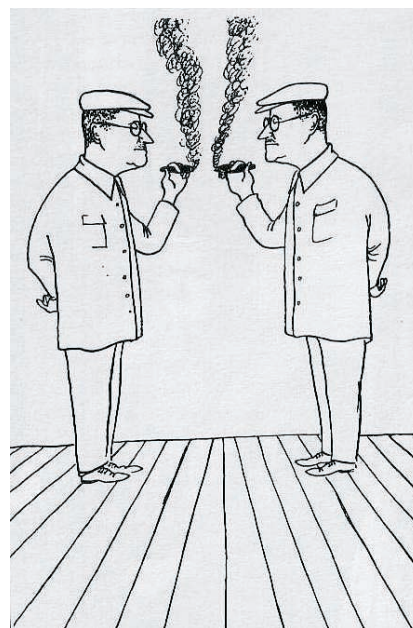
«Desde sempre, a Alemanha tem sido o coração da Europa e tudo o que se passa na Alemanha diz respeito ao coração da Europa.

As contradições eram aliás ainda maiores depois da guerra, depois de Yalta, quando os mundos, Leste e Ocidente, foram separados.

É justamente neste contexto histórico que **Brecht** teve de fazer a sua escolha: “aqui ou lá”. Esta escolha, ilustrou-a ele muito bem numa das suas **Histórias de Keuner**: perguntaram a **Keuner** onde queria viver (...). Ele respondeu que “uns o tinham convidado a viver num belo salão, com telefones à vontade, etc, e os outros sugeriam-lhe que se instalasse na cozinha e meter a mão na massa com os cozinheiros. Escolheu a cozinha, porque só ali poderia agir.”

É uma pequena anedota relativa ao **Senhor Keuner**, mas reflecte bem a posição de **Brecht**.»

Giorgio Strehler (*Brecht après la chute*, ed. L'Arche, Paris, 1993)



ficha artística

Tradução | **José Carlos Faria** (cotejada pelos trabalhos de **Paulo Quintela**, **Arnaldo Saraiva**, **Luís Bruheim** e **Maria Hermínia Brandão**)

Encenação | **Fernando Mora Ramos**

Seleção e organização de textos | **José Carlos Faria**

Interpretação | **José Carlos Faria**

Estagiária de assistente de encenação | **Maria Ribeiro***

Direção de Produção e Montagem | **Ana Pereira**

Produção Executiva e Públicos | **Vera Marques**

Desenho de Luz | **Filipe Lopes**

Montagem do Espaço | **Filipe Lopes**, **Carina Galante**, **Natália Ferreira** e **Tânia Gonçalves***

Fotografia | **Margarida Araújo** e **Paulo Nuno Silva**

Imagem | **Margarida Araújo** e **José Carlos Faria**

Impressão | **Obigraf**

Agradecimentos | **Fernando Lopes**, **Rogério Guimarães**, **João Faria**, **André Telhada**, **Paulo Nuno Silva**, **Gil Salgueiro Nave**.

*(aluna estagiária do 3º ano do Curso de Teatro da ESAD)

companhia subsidiada



www.teatro-da-rainha.com
262 823 302 | 966 186 871
geral@teatro-da-rainha.com